

O DIA DO CAÇADOR

Ana Dubeux e
Cristine Gentil
Da equipe do **Correio**

Inspirado pelos ares da África, Cristovam Buarque chegou à Brasília no final de fevereiro pronto para a temporada de caça. O objetivo era desarmar um campo minado de obstáculos para chegar à chapa majoritária de seus sonhos. Ou, pelo menos, a uma que não fosse um pesadelo.

O primeiro tiro certo foi deslocar Arlete Sampaio da posição de vice para a candidatura ao Senado, garantindo assim um escudo para protegê-lo de ataques inimigos durante a campanha — sobretudo do

deputado distrital Luiz Estevão (PMDB), concorrente de Arlete a uma vaga no Senado Federal.

O segundo movimento foi dificultar a escolha de Augusto Carvalho como candidato ao Senado, favorecendo a ida do PPS para a Terceira Via. Além de tirar de perto um aliado pouco confiável, ele fortaleceu a candidatura de José Roberto Arruda (PSDB) e aumentou a chance de realização de um segundo turno.

Vencida a primeira batalha, era preciso preencher o vazio deixado pela saída de Arlete. Para Cristovam, nenhum outro nome se encaixaria melhor na vaga do que Sigmaringa Seixas. Apesar de ser

Cristão Nova no PT, o ex-deputado teria mais condições de unir as diversas tendências do partido e juntar os cacos da Frente Brasília Popular.

O terceiro e mais delicado passo foi convencer Geraldo Magela a sair do páreo da disputa para a vice. Cristovam tinha pesadelos ao pensar em Magela ao seu lado em um eventual retorno ao Buriti. Se isto viesse a acontecer, seriam dois governos em lugar de um.

O desfecho do encontro do PT, que oficializou o nome de Sigmaringa para vice e Arlete para o Senado, mostra que o governador sabe ir à caça para defender seus interesses.